



OPINIÃO

Agronegócio a caminho da recuperação

Renato de Souza Barros Frascino (*)

O agronegócio enfrentou alguns desafios significativos em 2024, resultando na redução de 3,2% no Produto Interno Bruto da agropecuária, em comparação ao ano anterior.

O impacto foi resultado, principalmente, da queda dos preços da soja no mercado internacional e de produtividade do setor em função da ocorrência de eventos climáticos adversos, trazendo uma série de dificuldades financeiras explicadas, em sua grande maioria, pela explosão de pedidos de recuperação judicial de empresas.

Foram 1.272 pedidos em 2024, correspondendo a um aumento de 138% em relação a 2023, segundo dados da Serasa Experian. Um aumento expressivo! Porém, se compararmos a quantidade de pedidos de recuperação com a quantidade aproximada de mais de 1,4 milhão de produtores que tomam crédito rural, esse número pode ser até considerado ameno.

O momento conturbado também impactou na performance de pagamento das empresas e produtores rurais. Algumas indústrias de insumos e distribuidoras chegaram a registrar de 8% a 12% de inadimplência (atrasos superiores a 90 dias) em sua base de clientes, um percentual atípico ao compararmos com anos anteriores.

Um relatório de acompanhamento do crédito rural produzido pelos Sistemas FAESP e Senar em março de 2025 apontou um aumento crescente da inadimplência especialmente a partir do segundo semestre do ano passado, tendência que tem se mantido no início de 2025.

O mesmo fenômeno tem sido observado no pagamento dos créditos securitizados contidos nas carteiras dos FIDCs Agro e CRAs emitidos, geridos e cobrados pela Opea, empresa que tem o maior market share do mercado de securitização. Ao longo de 2024, houve a cobrança de aproximadamente 29 mil créditos (um portfólio composto por modalidades como CDCA, CPR-F, NP, NPR, CPR-Barter, duplicatas, entre outras), em um montante de R\$3 bilhões. No final de 2024, havia um total de créditos em aberto de 5,2%, percentual bem maior que nos anos anteriores (1,0% em 2023 e 0,7% em 2022). O percentual se torna inferior se considerarmos os créditos vencidos e não pagos, mas renegociados para pagamento futuro. Ainda assim, trata-se de um aumento significativo.

A crescente utilização de instrumentos de mercado de capitais como alternativa de captação de recursos para o agronegócio pode ser observada pela evolução da matriz de financiamento das atividades do setor.

Essa mudança de matriz está diretamente relacio-

nada aos esforços que vem sendo desenvolvidos para a criação de um ecossistema confiável, capaz de se tornar uma via perene de atração de novos recursos para o setor. Entretanto, o agronegócio opera em ciclos. Ao longo da última década, pudemos vivenciar um longo ciclo positivo, sem grandes impactos negativos no setor de grãos, principalmente soja, até que inundações no sul do país, secas, aumento do preço dos insumos e a ruptura no mercado internacional de fertilizantes em função da guerra entre Rússia e Ucrânia, encerraram esse referido ciclo positivo.

Mas não há o que se falar em "terra arrasada", mas sim em como sair de uma situação desafiadora como essa. Cada segmento segue com suas adversidades cíclicas, porém, acrescido dos problemas trazidos do ano anterior em função das questões aqui apontadas. Produtores seguem necessitando de prazos mais longos para diminuírem a alavancagem financeira e, ao mesmo tempo, não comprometerem sua capacidade de investimento para a próxima safra. Nesse sentido, recorrem à venda de ativos, constituição de FIAGROS, operações de "sale and leaseback" e renegociação de suas obrigações junto aos fabricantes e distribuidoras de insumos.

Os distribuidores, por sua vez, dependem de financiamentos dos fabricantes ou do mercado de capitais, já que não possuem acesso direto ao crédito rural. O aumento da inadimplência devido às dificuldades enfrentadas pelos produtores afetou diretamente o capital de giro das distribuidoras, levando a um crescimento nos pedidos de recuperação judicial e, consequentemente, à redução do apetite dos investidores para novas emissões voltadas para o agro.

Olhando para o futuro, é esperado que o setor se recupere a partir deste ano, impulsionado pelo aumento da produção, que deverá atingir níveis recordes em algumas regiões, além de uma melhora nos preços de soja e milho. O cenário ainda é complicado por conta da persistência de juros elevados e do alto endividamento de alguns produtores, o que pode dificultar a captação de novos recursos via mercado de capitais e, consequentemente, prolongar o processo de recuperação.

Mas apesar desse cenário desafiador, estruturas como CRAs pulverizados, FIDCs e FIAGROS DC com mecanismos de subordinação adequados, gatilhos de avaliação de continuidade, seguro de crédito, entre outras, continuam proporcionando proteção aos investidores nas operações securitizadas, mitigando o impacto da inadimplência. Mesmo após um ano crítico como 2024, essas estruturas têm ajudado a manter a estabilidade das operações e oferecem uma boa perspectiva para o segmento em 2025. Fê no agro!

(*) Head de agronegócios da Opea, hub de soluções de crédito estruturado.

Como o controle precoce de doenças impacta a produtividade na suinocultura brasileira

A suinocultura brasileira segue em expansão. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2024, o país registrou o abate de 57,86 milhões de suínos, representando um aumento de 1,2% em relação a 2023 e estabelecendo um novo recorde na série histórica da pesquisa.

Esse crescimento reflete a maior presença da proteína suína na mesa do consumidor nacional, impulsionada por seu custo-benefício e valor nutricional.

Além disso, o consumo per capita de carne suína no Brasil atingiu 19,52 kg em 2024, um incremento de quase 35% na última década, consolidando a carne suína como uma das proteínas animais que mais ganharam espaço na dieta do consumidor brasileiro.

No entanto, para sustentar a crescente demanda do mercado interno e manter os índices produtivos em alta, é imprescindível que os produtores intensifiquem os cuidados sanitários dentro das granjas, especialmente durante a fase de maternidade — período crítico para o desenvolvimento inicial dos leitões e, por consequência, para o desempenho zootécnico de todo o plantel.

De acordo com Pedro Filsner, gerente nacional de serviços veterinários da Unidade de Suínos da Ceva Saúde Animal, os principais desafios sanitários da suinocultura moderna têm origem logo nos primeiros dias de vida dos leitões. "Desafios sanitários e de impacto produtivo na granja acontecem ainda na maternidade, acometendo leitões com pouco tempo de vida. As consequências dessas enfermidades quase sempre interferem diretamente no desenvolvimento desses animais e se refletem com o baixo desempenho do lote", destaca.

Entre os principais problemas enfrentados na maternidade estão a anemia ferropriva e a coccidiose, enfermidades com alta prevalência nas granjas e que, se não forem prevenidas, comprometem seriamente o desenvolvimento dos suínos e a rentabilidade da produção.

Anemia ferropriva: um problema inerente à espécie

Presente em praticamente 100% dos leitões no nascimento, a anemia ferropriva é resultado da baixa reserva de ferro no organismo do animal ao nascer, somada à limitada transferência placentária, à baixa concentração de ferro no colostrum e ao rápido crescimento dos neonatos.

Coccidiose: inimigo persistente na granja

A coccidiose, causada pelo protozoário Cystoisospora suis, é outra enfermidade com alto impacto na maternidade. Caracteriza-se por diarréia de coloração amarelada e odor fétido, que acomete leitões nos primeiros dias de vida. Os prejuízos não se restringem à fase inicial: o dano causado à mucosa intestinal afeta a absorção de nutrientes, prejudicando o desempenho ao longo de todo o ciclo produtivo.

Devido à resistência ambiental dos oocistos, que podem permanecer viáveis por meses nas instalações, a prevenção da coccidiose deve ser conduzida com rigor, combinando práticas de manejo higiênico e a administração precoce de toltrazuril.

um anticoccidiano eficaz e amplamente adotado na suinocultura nacional.

Frente aos desafios sanitários enfrentados na maternidade, a Ceva Saúde Animal desenvolveu o Forceris®, a primeira e única solução injetável que combina gleptoferron e toltrazuril em uma única aplicação. Essa tecnologia representa um avanço significativo para o manejo neonatal, permitindo o controle simultâneo da anemia ferropriva e da coccidiose, com redução do estresse e da manipulação dos leitões.

"O uso do Forceris® otimiza o manejo, melhora o bem-estar animal e contribui diretamente para o desempenho e a homogeneidade dos lotes, fatores essenciais para a rentabilidade da granja", reforça Pedro.

A suinocultura moderna exige cada vez mais precisão, biossegurança e manejo preventivo, especialmente nas fases iniciais da vida dos animais. O sucesso produtivo começa na maternidade, e a adoção de estratégias integradas de controle sanitário é o caminho mais seguro para garantir o desempenho zootécnico e a sustentabilidade do negócio.

Com tecnologias inovadoras e foco no bem-estar animal, como o Forceris®, o setor avança rumo a uma produção cada vez mais eficiente, segura e alinhada às demandas do mercado consumidor.

Café moído, tangerina e carne bovina lideram alta de preços e reforçam desafios para o agronegócio

Os preços de itens agropecuários fundamentais, como o café e a carne bovina, dispararam no Brasil, nos últimos 12 meses, segundo dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo-15 (IPCA-15) de maio. O café moído apresentou aumento de 83,2%, liderando o ranking das maiores elevações no período. A alta é explicada por condições climáticas desfavoráveis e oscilações no mercado internacional — fatores que afetam diretamente a oferta e os custos da principal commodity agrícola brasileira. O maior impacto no mês veio da energia elétrica residencial (1,68%), enquanto o grupo de alimentação e bebidas passou de 1,14% em abril para 0,39% neste mês.

No setor de proteínas, cortes populares da carne bovina também tiveram reajustes expressivos: acém (28,27%), alcatra (25,98%), patinho (25,41%), contrafilé (24,17%) e file-mignon (23,83%). A valorização reflete o impacto do custo de produção, alimentação animal e a crescente demanda tanto no mercado interno quanto no externo. No hortifruti, a tangerina teve um aumento de 32,84%, sendo o segundo item na lista de produtos mais caros anunciados.

"A inflação, normalmente mensurada pelo IPCA, tem um impacto profundo na vida do consumidor, fazendo com que cada real valha menos do que antes, obrigando todos a repensar prioridades e a se adaptar a um novo cenário econômico em que a estabilidade financeira se torna um objetivo



cada vez mais distante", destaca Fernando Lamounier, educador financeiro e sócio-diretor da Multimarcas Consórcios.

Embora o índice geral de preços tenha registrado alta moderada de 0,36% em maio, os produtos do agronegócio continuam puxando a inflação de alimentos. O cenário acende um alerta para produtores, cooperativas e formuladores de políticas públicas: é preciso investir em resiliência climática, tecnologia no campo e estratégias de regulação de mercado para preservar a competitividade do setor e garantir o abastecimento doméstico.

"Com a crescente preocupação dos consumidores em relação ao aumento dos preços, principalmente de alimentos, é crucial estar atento às futuras oscilações no mercado. Como o aumento do IPCA, o encarecimento de produtos essenciais pode se prolongar. Para enfrentar esse cenário, além de repensar as prioridades de consumo, uma dica prática é criar um fundo de emergência específico para a possível variação com as despesas com alimentação, separando mensalmente uma pequena porcentagem extra da renda para evitar ser pego de surpresa com a alta de preços.", pontua Lamounier.

Citricultor reduz queda de frutos em 37% com uso de biosolução inovadora

A Fazenda Concorde vem buscando tecnologias para enfrentar seu terceiro ano de estiagem consecutivo. Com 25 anos de atuação na citricultura, a propriedade decidiu, ainda em 2023, testar um então recém-lançado complexo nutricional de base orgânica para lidar com os baixos índices pluviométricos. Batizado de BIO-SYNC e lançado pela Rovensa Next Brasil, o nome faz alusão ao modo de ação do produto,

capaz de sincronizar os estímulos fisiológicos da planta com as frações biológicas, físicas e químicas do solo.

Quando há desequilíbrio nesta relação, entre outros problemas, é possível identificar queda prematura dos frutos nos laranjais, algo que vem sendo corrigido na propriedade. "Tivemos um retorno muito bom na Fazenda Concorde. A diminuição na queda de frutos foi em torno

de 37%. Você ter esse resultado, acompanhado de um aumento de produção, é muito significativo, ainda mais nos dias de hoje, com a grande incidência de greening nos citros", comemora o senhor Ernesto Luiz Pires de Almeida, membro do Grupo de Consultores de Citros (GCONCI), consultoria que atende propriedades responsáveis por 20% da produção nacional de laranja, grupo ao qual a Fazenda Concorde integra.